

O ROMANCE DE FORMAÇÃO (BILDUNGSROMAN) NA MODA DE VIOLA: LITERATURA E SOCIEDADE NA MÚSICA CAIPIRA

Jean Carlo Faustino¹

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura das modas de viola sob a perspectiva do “romance de formação”, conforme foi conceituado por Bakhtin e Lukács. O recorte de análise é feito com base nas modas gravadas pela dupla caipira Tião Carreiro e Pardinho que, no século XX, se notabilizou pelo sucesso e reconhecimento na interpretação deste gênero musical integrante da chamada música caipira de raiz. Com base numa classificação do conjunto completo das modas gravadas pela dupla em questão, realizada com base no tema de suas narrativas, são aqui tratadas às seguintes modas: *Boiadeiro Punhos de Aço*, representante do grupo de modas com narrativas de boiadeiros; *Mineiro do Pé Quente*, representante do grupo das modas com narrativas centradas na figura de proprietários; *Boi Cigano*, do grupo temático das modas com elementos mágicos; *Minha Vida*, do grupo das modas que tem violeiros como protagonistas; e *Herói Sem Medalha*, do grupo que tem bois como elemento central do enredo de suas narrativas.

Palavras-chave: música, caipira, viola, literatura, moda.

Abstract: This article shows one reading of *modas de viola* in the perspective of novel of formation (*bildungsroman*), like the Bakhtin and Lukács concepts. The choice of analyses was the *modas de viola* from the duo Tião Carreiro e Pardinho that, in the 20th century, made very success and was recognized in the interpretation of this musical type that belongs to *caipira* music. After make one analyses of all *modas de viola* from the duo in question, I decided show in this article the follow songs: *Boiadeiro Punhos de Aço*, representative of *modas* with wrangler’s narratives; *Mineiro do Pé Quente*, representative of *modas* with narratives centralized in the owner; *Boi Cigano*, representative of *modas* with magic elements; *Minha Vida*, representative of *modas* that have *violeiros* like protagonists; and *Herói Sem Medalha*, representative of *modas* that have bull like the central element in the narratives.

Palavras-chave: music, caipira, viola, literature, moda.

¹ Mestre e doutorando em Sociologia - Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

1 introdução

Este artigo retoma a hipótese, por mim, apresentada no capítulo “A moda de viola enquanto literatura” do livro: *Escritos Culturais – Literatura, Arte e Movimento* [FAUSTINO, 2011] de que a moda de viola é um tipo de literatura.

O objetivo aqui é desenvolver esta hipótese a partir da compreensão de uma das vertentes literárias das modas de viola, segundo a perspectiva teórica do *romance de formação* (*bildungsroman*, em alemão).

As modas de viola a serem aqui tratadas correspondem ao objeto de pesquisa da minha tese de doutorado: quarenta e oito modas, que integram os seguintes discos da dupla “Tião Carreiro e Pardinho”:

- “Modas de Viola Classe A”, gravado em 1974;
- "Modas de Viola Classe A - volume 2", gravado em 1975;
- "Modas de Viola Classe A - volume 3", gravado em 1981;
- "Modas de Viola Classe A - volume 4", gravado em 1984.

As modas que compõem estes discos podem ser agrupadas, a partir do conteúdo de suas letras, em cinco grandes grupos temáticos:

- narrativas que contam histórias de boiadeiros;
- narrativas centradas na figura de bois;
- narrativas cujos protagonistas são violeiros;
- narrativas com elementos mágicos ou fantásticos;
- e narrativas que contam histórias de proprietários.

Em cada um desses grandes grupos temáticos encontram-se modas cujas narrativas possuem elementos próprios do *romance de formação*: um tipo de romance no qual, segundo Bakhtin, a transformação do personagem

corresponde ao próprio enredo.

Ao lado desse tipo predominante e muito difundido, há outro tipo de romance, muito mais raro, que apresenta a imagem do homem em devir. A imagem do herói já não é uma unidade estática mas, pelo contrário, uma unidade dinâmica. Nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável. As mudanças por que passa o herói adquirem importância para o enredo romanesco que será, por conseguinte, repensado e reestruturado. O tempo se introduz no interior do homem, impregna-lhe toda a imagem, modificando a importância substancial de seu destino e de sua vida. Pode-se chamar este tipo de romance, numa acepção muito ampla, de romance de formação do homem.” (BAKHTIN, 1997, p.238)

Conceituação semelhante foi também apresentada por Lukács, que chamou este tipo de literatura de “romance de educação”, embora a palavra “formação” esteja presente no texto – não só na tradução como, também, no original em alemão conforme esclarece a nota de rodapé da edição brasileira referente ao texto a seguir:

Chamou-se essa forma de romance de educação. Com acerto, pois a sua ação tem de ser um processo consciente, conduzido e direcionado por um determinado objetivo: o desenvolvimento de qualidades humanas que jamais floresceriam sem uma tal intervenção ativa de homens e felizes acasos; pois o que se alcança desse modo é algo por si próprio edificante e encorajador aos demais, por si próprio um meio de educação. A ação definida por esse objetivo tem algo da tranquilidade da segurança. Mas não se trata da tranquilidade apriorística de um mundo rematado; é a vontade de formação, consciente e segura de seu fim, que cria a atmosfera dessa inofensividade última. (LUKÁCS, 2000, p. 141-142)

Como se vê, a conceituação de Lukács se assemelha à de Bakhtin quando ele afirma que o aspecto central do enredo encontra-se justamente na transformação (educação ou formação) pela qual passa o personagem.

O texto de Lukács foi escrito e publicado em meados da década de 10 do século XX (LUKÁCS, 2000, p.7), enquanto que o de Bakhtin foi elaborado entre as décadas de 20 e 30 do mesmo século (BAKHTIN, 1997, p.21-30). Mas, segundo Wilma Mass (2006), pesquisadora da UNESP, o criador do conceito de *romance de formação* foi o professor de filologia clássica Karl Morgenstern numa conferência proferida em 1803. Segundo a autora, o conceito foi retomado pelo mesmo autor em 1920 apresentando-o da seguinte maneira:

[Tal forma de romance] poderá ser chamada de Bildungsroman, sobretudo devido a seu conteúdo, porque ela representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade [...]. Como obra de tendência mais geral e mais abrangente da bela formação do homem, sobressai-se [...] Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister, de Goethe, obra duplamente significativa para nós, alemães, pois aqui o poeta nos oferece, no protagonista e nas cenas e paisagens, vida alemã, maneira de pensar alemã, assim como costumes de nossa época. (MORGENSTERN, 1988, pp. 64/66, apud MASS, 2006)

Nesta conceituação, assim como na de Lukács e Bakhtin anteriormente apresentadas, a formação do protagonista aparece novamente como central para o enredo do romance. E semelhantemente a Lukács, Morgenstern vê o aperfeiçoamento do personagem como o sentido dado pela narrativa.

Outro elemento comum na conceituação destes três autores é a citação ao *Wilhelm Meister* (referenciado também como *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*) de Goethe, como romance que inaugura o estilo tornando-se, inclusive, referência para definir se uma obra classifica-se, ou não, como um *romance de formação*.

No Brasil, há um número significativo de estudos sobre este tema utilizando-se, inclusive, do conceito em questão como chave para se compreender as particularidades de algumas obras da literatura nacional

como, por exemplo, as análises de Eduardo Duarte (1994)(2006) sobre o *romance de formação* afro-brasileiro; de Aline Arruda (2007), Débora Guedes (2009) e Silvana Carrijo (2007) sobre o *romance de formação* feminino; além das análises panorâmicas do uso do conceito como a de Wilma Mass (2000) (2006). Em nenhum deles, porém, a moda de viola emerge como um *romance de formação* como passaremos a tratá-la a seguir.

2 Visão panorâmica

Conforme mencionado no tópico anterior, as modas de viola em questão podem ser divididas em cinco grandes grupos temáticos segundo conteúdo de suas narrativas: boiadeiros, bois, violeiros, proprietários e mágicos.

As narrativas de boiadeiros constituem um dos grupos temáticos onde mais existem modas que podem ser classificadas como *romance de formação*. São elas: *Sabrina*, *Boiadeiro Punhos de Aço*, *Pousada de Boiadeiro* e *Saudosa Vida de Peão*.

Outros grupos temáticos também muito expressivos do *romance de formação* são aqueles onde as modas têm como protagonista a figura de violeiros ou de proprietários. Do primeiro subgrupo, fazem parte as modas *Viola Vermelha*, *Minha Vida* e *Última Viagem*; enquanto que o segundo compreende as modas *Rio Preto de Luto*, *Bandeirante Fernão* e *Mineiro do Pé Quente*.

Além desses, existem também o grupo de modas nos quais os bois têm nome próprio e desempenham papel central no enredo; e o grupo que integram elementos mágicos ou fantásticos em suas narrativas. No primeiro desses grupos, encontramos, como *romance de formação*, a moda *Herói Sem Medalha*; enquanto que no segundo temos as modas *Um Pouco de Minha Vida* e *Boi Cigano*.

Evidentemente não há, no espaço deste artigo, possibilidade de nos aprofundar na análise de todas estas modas. Assim, nos ocuparemos com ao menos uma de cada grupo temático.

2.1. Boiadeiros

Uma das modas de viola de Tião Carreiro e Pardinho com narrativa centrada na figura do peão boiadeiro e que pode ser classificada como um *romance de formação* chama-se *Boiadeiro Punhos de Aço*. Parte integrante do disco “Modas de Viola Classe A – Volume 2” de 1975, esta foi, no entanto, a primeira moda de viola gravada pela dupla em disco de 78 rpm em 1956.

Nela, o narrador-personagem nos conta como foi criado, desde sua infância, para se tornar um boiadeiro. Sua educação foi conduzida pelo próprio pai que, ao longo da narrativa, aparece sempre desempenhando uma educação completa do filho acrescentando, à técnica, ensinamentos morais acompanhados do afeto paterno.

Aos vinte anos, o protagonista inicia uma jornada própria dos romances de formação, saindo da casa dos pais para incorporar uma comitiva de boiadeiros e descobrir o mundo.

Nesta comitiva, o protagonista irá viajar por vários lugares aperfeiçoando-se no exercício de sua profissão. E após o período de aprendizado e de viagens, ele volta para seu local de origem onde então se cristalizará o conhecimento que ele aperfeiçoou durante o período e experiência de formação.

A oportunidade de provar o que aprendeu se dará numa situação imprevista quando o jovem boiadeiro se predispõe a salvar um anônimo que corria risco de vida, ao tentar atravessar um rio que estava com a correnteza forte. Para este salvamento, o jovem boiadeiro mobiliza sua destreza na técnica do laço. Porém, fica evidente que a predisposição em

ajudar a quem precisa está intimamente ligada aos ensinamentos morais tão presentes na educação que havia recebido do pai.

A virtude (expressa através do altruísmo no gesto de salvar um desconhecido que precisava de ajuda) é recompensada quando o jovem boiadeiro descobre que o anônimo que havia salvado era seu próprio pai.

No entanto, em relação ao *romance de formação* permanece a questão sobre qual teria sido a transformação pela qual o protagonista passou durante o período. A princípio, a resposta parece estar no altruísmo, visto que esta é a principal virtude que ele revela na viagem de volta para casa. Porém, como a característica oposta à esta virtude (o egoísmo) não estava presente em nenhum momento anterior, não parece ser esta a resposta já que não há, aqui, uma transformação propriamente a ser destacada.

Outra possibilidade seria a preservação dos ensinamentos morais que havia recebido do pai. Mas, não há, na narrativa, nenhum elemento que revela como sua moral ou ética foi provada ao longo dos "anos de formação". Assim, embora a continuidade dos valores morais, num contexto diferente daquele da casa dos pais, seja algo importante para o desfecho final, também não parece ser esta a transformação ocorrida. A transformação se torna clara no trecho a seguir da letra da moda:

Por este Brasil afora fiz como faz as nuvens no espaço
Vaguei ao léu conhecendo terras sempre ganhando dinheiro
aos maços
Meu cipó em três rodias cobria a anca do meu Picasso
Foi o que me garantiu o nome de boiadeiro punho de aço

O pai havia lhe dado o ensinamento das técnicas de boiadeiro, havia lhe presenteado com o próprio laço, havia lhe dado afeto paternal e um conjunto de ensinamentos que o jovem boiadeiro carregou consigo

durante sua jornada. A única coisa, entretanto, que o pai não lhe havia ensinado foi a ganhar dinheiro. Foi isto, portanto, o que o boiadeiro desenvolveu em sua jornada fora de casa mobilizando todos os outros elementos que dispunha. Esta é, portanto, sua formação que, no contexto da letra desta moda, se apresenta como compatível com a formação tradicional de boiadeiro (leia-se: caipira).

2.2. Proprietários

Dentre as modas de viola em questão, há um subgrupo que se destaca por narrativas centradas na figura de proprietários. Obviamente que este personagem encontra-se presente em outras modas de Tião Carreiro e Pardinho. Mas, neste subgrupo temático, os proprietários encontram-se no centro das narrativas e suas posses aparecem como constitutivas da sua caracterização e necessárias para o desenvolvimento do enredo.

Neste subgrupo, uma das modas que pode ser caracterizada como *romance de formação* chama-se *Mineiro do Pé Quente*, a qual integra o disco “Modas de Viola Classe A – Volume 4” de 1984. Sua letra fala essencialmente de alguém que nasceu no estado de Minas Gerais, mas que mora em Cuiabá no Mato Grosso. Este alguém, aliás, tem nome completo e adjetivo: senhor Augusto Alves Pinto, o “mineiro do pé quente”.

Após anunciar, na primeira estrofe da música, que o narrador irá falar de um “mineiro residente em Cuiabá”, a narrativa da vida deste personagem começa a partir do seu próprio nascimento quando seus pais afirmaram (como uma espécie de profecia) que, pelo fato dele ter nascido no Dia de Reis (6 de janeiro), ele será uma pessoa de sorte.

A narrativa continua então falando do desenvolvimento que ele teve na vida, aliando a “fibra de mineiro” ao talento do pensamento

rápido e ao trabalho honesto. Foi assim que ele passou por inúmeras profissões que ora são nomeadas (como a de boiadeiro, carreiro e tropeiro) ora são apenas representadas pela referência aos seus instrumentos de trabalho (como a enxada, foice e machado). Em todos os trabalhos, no entanto, uma coisa é contínua: a sorte, que lhe acompanhou desde criança. E uma das materializações desta sorte foi no casamento feliz que contraiu ainda jovem.

O sucesso profissional acabou levando-o à posição de empreendedor e a se tornar dono de uma grande empresa. Posição, segundo a letra da música, honrada e digna já que, a partir dela, ele propicia emprego a muita gente sendo ainda um exemplo de vida honesta para amigos e parentes.

Como se vê, as características do *romance de formação* estão bem presentes na narrativa desta moda de viola. Resta, no entanto, saber qual a transformação pela qual passou o protagonista já que do início ao fim o caminho que ele seguiu parece ter sido aberto pela sorte que o acompanha desde o nascimento.

No dia seis de janeiro, há muitos anos atrás
Nasceu na terra do milho no chão de minas gerais
Nasceu no dia de reis assim dizia seus pais
Acredito no destino vai ter sorte esse menino
Deus pra nós é bom demais

Porém, apesar deste tom de naturalização do sucesso do protagonista, a letra também revela as inúmeras profissões pelas quais ele passou como já foi aqui mencionado. Nisto, portanto, parece residir o elemento de transformação e, conseqüentemente de formação porque apesar da sorte ter se mantido em toda sua vida, o protagonista teve que aprender a lidar com as diferentes profissões que teve ao longo do tempo. Mais que isso, ele soube também mudar de profissão de acordo com as

necessidades até chegar ao apogeu: o de rico empresário.

Assim, analogamente ao protagonista da moda *Boiadeiro Punhos de Aço*, tratada anteriormente, a transformação pela qual o personagem principal desta narrativa passou foi a de aprender a ganhar e lidar com o dinheiro. Suas virtudes, também analogamente a do boiadeiro da outra moda, se mantiveram ao longo da vida sendo, inclusive, coerentes e úteis nas novas condições decorrentes das novas condições sociais.

2.3. Elementos mágicos

Nas modas de viola de Tião Carreiro e Pardinho há um subgrupo que se caracteriza pela presença de elementos mágicos ou extraordinários na sua narrativa como acontece, por exemplo, na moda *Boi Cigano* que descreve uma briga entre um boi e um leão num circo popular em decorrência de uma aposta de seus respectivos donos para saber qual sairia campeão. Algo análogo à *briga de galo*, presente na cultura popular da época.

Esta moda integra o disco “Modas de Viola Classe A – Volume 3” de 1981, mas havia sido gravada anteriormente no disco “Meu Carro é Minha Viola” que traz modas gravadas quando Tião Carreiro formou dupla, no início da carreira, com Carreirinho. No disco “Modas de Viola Classe A – Volume 4” de 1984, aparece uma moda de mesmo nome. Trata-se, no entanto, de uma moda diferente, mas que retoma a narrativa da primeira como se fosse uma segunda parte da saga do Boi Cigano. Para diferenciar uma moda da outra, alguns autores referenciam esta última como “Boi Cigano II”.

A narrativa da moda em questão começa com a chegada de uma boiada de oitocentos bois na cidade de Andradina, localizada próxima à fronteira de São Paulo com o estado de Mato Grosso do Sul. O chefe dos boiadeiros, também narrador da história, conduzia o trabalho da comitiva

de boiadeiros dando, no entanto, especial atenção para o Cigano: um boi bravo, cujo comportamento feroz já tinha causado diversos danos ao boiadeiro. A boiada é entregue ao seu comprador que a embarca no trem. A letra não fala explicitamente do trem, mas é notória a estação de trem que havia nesta cidade. Entretanto, por alguma razão não muito clara na letra da moda, o Cigano não embarca.

Aconteceu então que um circo sul-africano estava na cidade e seu proprietário provocou o boiadeiro, narrador da história, para um duelo inusitado no qual o boi, bravo e valente, chamado de Cigano lutaria contra o leão do circo para mostrar qual era o mais valente. A aposta foi então feita no valor de vinte mil, sem contar as de outros apostadores. Com circo lotado, o duelo acontece acompanhado de gritos de emoção e medo da platéia. Ao final, o boi (representante, subentende-se, da cultura brasileira) sai como vencedor.

A narrativa, conforme já foi mencionado, tem tons fantásticos. Afinal, por mais verossímil que seja uma luta entre um leão e um boi, o duelo dos dois animais num circo popular em decorrência de uma aposta como numa briga de galo parece, no mínimo, anedótica ou alegórica de outra disputa que ela simboliza.

O aspecto do *romance de formação* aqui se faz presente pelo aspecto da viagem que irá transformar o personagem principal que, neste caso, é o Boi Cigano. Apesar de se tratar de um ser a princípio sem consciência ou vontade própria, ele manifesta sua vontade ao ter se recusado a embarcar junto com o resto da boiada para o destino que provavelmente significa um futuro abate. Em decorrência disto, ele encontrará outro caminho que, como se viu aqui, foi a de participar do duelo com o leão.

E, neste novo caminho, ele alcançará o sucesso mobilizando aquilo que é próprio da sua formação: a braveza e valentia parecendo,

assim, ecoar o que ocorreu com os protagonistas das duas modas anteriormente tratadas cujo sucesso no seu “período de aprendizado” foi obtido através da mobilização de qualidades obtidas na sua formação anterior: das virtudes morais, no caso de *Boiadeiro Punhos de Aço*; e da sorte, no exemplo do *Mineiro do Pé Quente*. Aqui, no entanto, este elemento é a bravura. Onde, entretanto, encontra-se a transformação do personagem? Diferentemente da narrativa das outras duas modas anteriormente tratadas, o boi não aprende, obviamente, a ganhar e a lidar com dinheiro. Mas, de certa forma, é como se isto ocorresse porque o proprietário acaba descobrindo que o boi pode lhe render bem mais dinheiro do que o padrão anterior: de ser vendido para o abate.

Chegou naquela cidade o grande circo sul africano
Uns homens com o proprietário a respeito do boi tava
comentando
Insultou-me numa briga do leão feroz e o cuiabano
Bati vinte mil na hora e jogos por fora estava sobrando.

Assim, a bravura do boi que antes era um problema para o boiadeiro acaba se transformando numa matéria-prima que é moldada para o duelo que, no contexto da narrativa desta moda, trará ao boiadeiro o lucro de pelo menos “vinte mil”, mas que, no contexto da moda que retoma a saga deste boi (aqui referenciada como *Boi Cigano II*), lhe propiciará um papel de destaque no mundo dos torneios de peão no circuito de negócios das “festas de peão-boiadeiro”, na qual o boi traz lucro para seu proprietário justamente por vencer os peões que tentam montá-lo.

O Boi, enfim, encontraria seu lugar no novo contexto social onde o lucro e o dinheiro são elementos complementares e necessários à sobrevivência. Sua formação, neste aspecto, se assemelha a dos protagonistas das modas anteriormente tratadas.

2.4. Violeiros

O maior subgrupo temático formado pelas modas de viola de Tião Carreiro e Pardinho, depois daquele que tem o boiadeiro como figura central de sua narrativa, é o que possui o violeiro como protagonista. São nada menos que quatorze modas, das quais ao menos três podem ser classificadas como romances de formação. Destas três, nos deteremos aqui na que recebeu o nome de *Minha Vida*.

Parte integrante do disco “Modas de Viola Classe A – Volume 2” de 1975, a narrativa tem início com a descrição da infância do protagonista quando ele morava no meio rural e gostava das coisas daquele universo: desde o tipo de sua residência até o contato com a natureza. Aos quinze anos, no entanto, ele muda pra cidade e se vê obrigado a abandonar não só a casa dos pais no campo como também o estudo na escola para dedicar-se ao trabalho a partir do qual passaria a extrair seu sustento.

Assim como o protagonista da moda *Mineiro do Pé Quente*, tratada anteriormente, o protagonista desta moda irá passar por diferentes profissões. Inicialmente, começa trabalhando de ajudante num bar onde tem, inclusive, dificuldade pra receber o salário. Depois, vai trabalhar como pedreiro sentindo-se, no entanto, infeliz com o desgaste físico exigido pela profissão até que finalmente encontra uma maneira agradável de conseguir sustento: através da viola. Tornando-se violeiro ele não somente encontra sua vocação como, também, uma velha paixão da infância vivida no meio rural unindo, desta maneira, presente e passado de modo conciliatório:

Tive grande impulso
Com outro recurso
A viola é tão fácil

É só mexer nos traço
[...]
Dinheiro no bolso
Vem com pouco esforço
Neste sol de anil
Divertindo o Brasil

Chegamos assim à mesma questão colocada na análise das outras modas, aqui tratadas: qual foi a transformação pela qual passou o personagem desta narrativa? À exemplo de todas as outras modas aqui tratadas, os anos de formação, se caracterizam, por um lado, pela preservação de um aspecto presente na formação original que o protagonista teve no meio rural (que, no presente caso, refere-se à paixão pela viola) e, por outro lado, pelo aprendizado na obtenção do sustento (expresso através do caminho que o personagem encontra para ganhar dinheiro). Este padrão de aprendizado e transformação parece, portanto, se manter em todas essas modas classificadas como romances de formação, aqui tratadas. Resta, agora, verificar a aplicabilidade desta perspectiva na quinta e última moda deste artigo e que representa o subgrupo temático das modas que tem o boi como elemento central da narrativa.

2.5. Bois

Além dos quatros subgrupos temáticos, aqui apresentados, há também um que se caracteriza pela presença de bois que tem nome próprio e uma participação decisiva no enredo da história contada pela moda que lhe faz referência. Assim, existe o Boi Soberano, o Cigano, Sete Ouro, etc. Todos com uma ou mais modas de viola que contam sua trajetória.

Um desses bois já foi aqui apresentado, quando tratamos anteriormente da moda do *Boi Cigano* já que ela também se classifica

também no subgrupo que integra as modas com elementos mágicos ou extraordinários em sua narrativa. Isto acontece porque esta classificação em subgrupos temáticos é apenas um recurso metodológico que utilizei a fim de organizar a exposição da análise das modas segundo seu conteúdo. A realidade, como se sabe, é bem mais complexa que a teoria e, de maneira semelhante, as modas de viola não se encaixam em somente um subgrupo temático.

A moda deste subgrupo dos bois que escolhemos para tratar, devido às suas características de *romance de formação*, chama-se *Herói sem Medalha* e faz parte do disco “Modas de Viola Classe A – volume 4” de 1984. Diferentemente da moda do *Boi Cigano*, nela não encontraremos elementos mágicos ou extraordinários; apenas uma relação verossímil de afeto entre criador e seu animal de estimação: o Boi Lobisomem.

A narrativa começa com o personagem contando da sua vida no meio rural quando ele ajudou a desbravar o sertão, “puxando tora do mato com seus doze bois pantaneiros” como um pioneiro (segundo expressão da letra da moda) do progresso. Aconteceu, porém, que uma doença acometeu seu gado. E da boiada que o personagem possuía só lhe restou um boi de estimação chamado Lobisomem. Boi que, com relutância, teve que vender para continuar alimentando os filhos quando a situação se tornou insustentável ao ponto, inclusive, dele decidir-se a mudar para a cidade.

Na cidade, para obter o sustento da família, tem que se sujeitar aos subempregos que são oferecidos a pessoas, como ele, que vieram do campo e não foram alfabetizadas ou capacitadas para o exercício de uma profissão específica. Assim, ele que chorava quando um boi ficava doente, agora se vê obrigado a ir trabalhar num matadouro: o emprego (ou subemprego) que sua falta de formação lhe permitiu obter. Um

emprego no qual ele utiliza a única coisa útil para o “processo produtivo” que possui: a força física.

O sofrimento moral do personagem chega então ao ápice no dia em que seu antigo boi de estimação, o Lobisomem, vem parar no matadouro; mais especificamente: em suas mãos, já que ele era o responsável por abater o gado que chegava. Surpreendente, no entanto, é o desenlace da situação quando o protagonista se nega a matar o boi de estimação desistindo, na mesma hora, do emprego que havia assumido já que não podia salvar a vida do boi de estimação.

A transformação no personagem principal, típico do *romance de formação*, nesta narrativa é evidente. Sua grande viagem de formação se dá com a mudança para a cidade. Mais do que um mero deslocamento geográfico, a mudança coloca o antigo pioneiro do progresso numa situação onde todo seu conhecimento e formação anterior de nada vale, com exceção da força física.

Além disso, há explicitamente, na letra desta moda, duas grandes transformações. A primeira acontece quando a doença que se abate sobre seus bois o lança numa situação de penúria financeira levando-o a mudar-se para a cidade grande. E a segunda grande transformação acontece, segundo a letra da moda, quando o protagonista reencontra seu boi de estimação no matadouro para morrer por suas mãos. O aprendizado mais evidente da primeira transformação está relacionado com o caminho encontrado para ganhar e lidar com o dinheiro na cidade grande. Aprendizado este coerente com o que foi observado em todas as modas aqui analisadas.

No entanto, da segunda transformação vem outro aprendizado cujo significado parece com a superação do aprendizado anterior. Sua recusa em não matar o boi de estimação, optando por abandonar o emprego expressa o desejo de preservação do que restou da sua

dignidade (ou o desejo de resgatá-la) no processo de mudança para a cidade grande. Mas, também significa uma aposta de que é possível encontrar outro caminho mais digno e adequado para obter este sustento do que esta profissão que viola os sentimentos de afeto com os bois que ele desenvolveu quando morava no meio rural e que corresponde à sua formação inicial.

6. Conclusões

Como procurei demonstrar neste artigo, o *romance de formação* é uma das formas literárias presentes nas modas de viola de Tião Carreiro e Pardinho. Nas modas aqui tratadas, há um aprendizado comum aos personagens de suas narrativas que se caracteriza essencialmente pela tentativa de conciliação entre a formação recebida no passado, que remete ao tempo vivido no meio rural, com o presente configurado pela necessidade de lidar com o principal instrumento da economia capitalista: o dinheiro.

Esses romances de formação ecoam, portanto, o que acontecia com a maior parte do público ouvinte dessas modas: o caipira, que na época deixava o meio rural para viver na cidade onde lidar com o dinheiro era algo essencial para se obter o sustento. No entanto, mais que uma mera adaptação às novas condições de existência, a análise aqui realizada mostra a relevância e, ao mesmo tempo, o desejo de conciliação do moderno com o tradicional para a preservação da identidade cultural desta população.

Conforme já foi mencionado, não houve espaço aqui para tratar de todas as modas de viola que possuem as características do *romance de formação*. Assim, é possível e esperado que a análise posterior das outras modas revele outros aspectos presentes neste tipo de literatura e, conseqüentemente, nos anos de aprendizado que o caipira paulista viveu

durante o período do êxodo rural.

Referências

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro**. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em Letras, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 2ª edição, 1997.

CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. **De Mulheres e Símbolos: Figuras do Feminino no Bildungsroman “Ana Z. Aonde Vai Você?”**. Revista *Temporis[ação]* da Universidade Estadual de Goiás, vol. 1, n.9, p.32-40, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado e o Bildungsroman proletário**. Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada, v.2, p. 157-64, 1994.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. Florianópolis. Rev. Estudos Feministas, vol.14, No.1, Jan/Apr, 2006

FAUSTINO, Jean Carlo. *A moda de viola enquanto literatura in Escritos Culturais – Literatura, Arte e Movimento*. Ed. Unemat/De Liz. Cáceres e Cuiabá, MT, 2011.

GUEDES, Débora Carla Santos. **O romance de formação: um passeio pelos caminhos de Stephen Dedalus e Virgínia**. Estação Literária. Vagão, vol. 4, p.1-100, 2009.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2000.

MAAS, W. P. M. D. ; ZANELA, A. A. ; ISSA, G. M. S. I. . **O**

Bildungsroman no Brasil. Modos de apropriação. Anais do X Congresso Internacional da ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro.

MASS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura.** São Paulo: Editora da UNESP. 2000.